



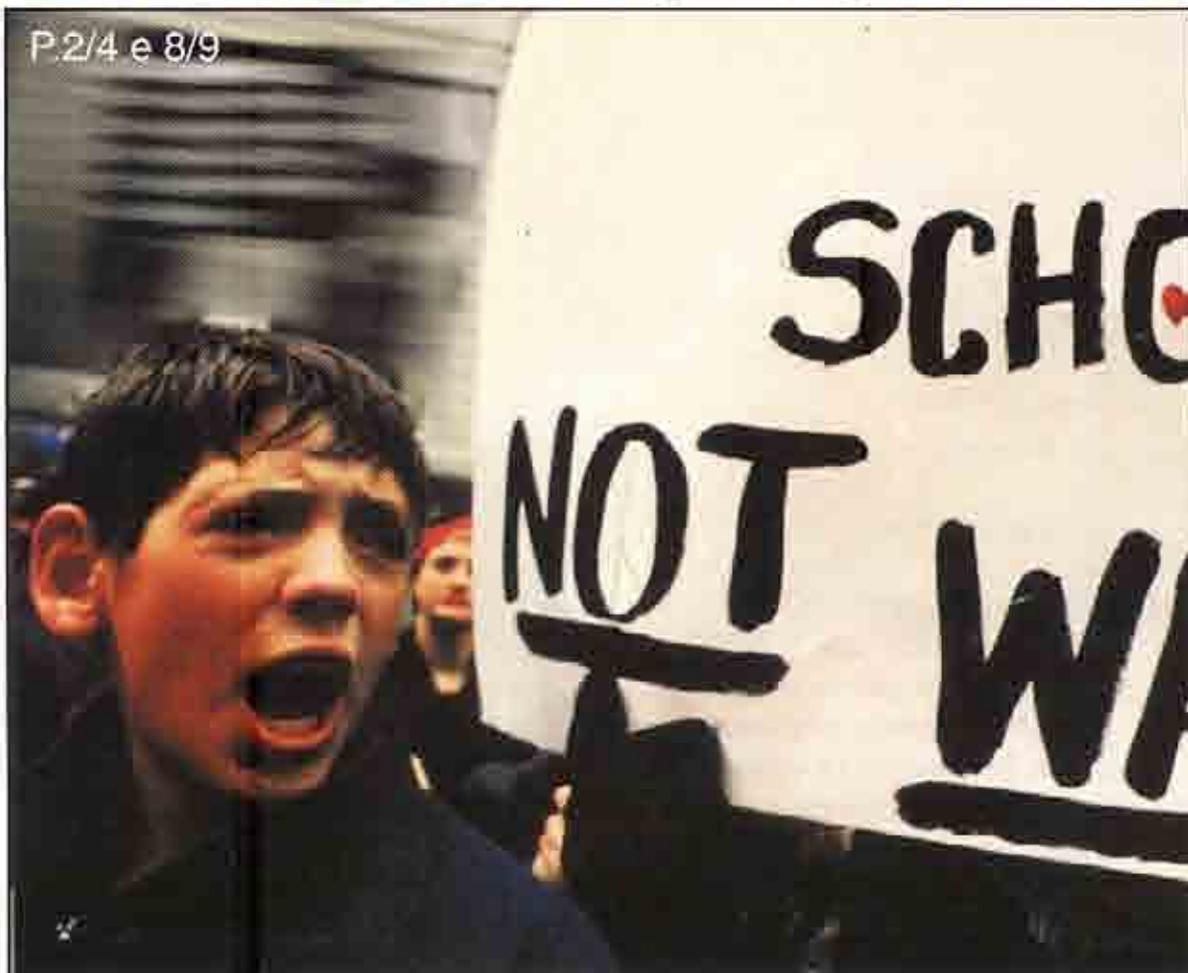
# Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

Nº 37 ♦ MAIO/AGOSTO ♦ 1995 ♦ BIMESTRAL



## A VIOLÊNCIA É SEMPRE UMA DERROTA DA TELEVISÃO À ESCOLA



"ERA OUTRA VEZ..."  
RICARDO  
ALBERTY P. 6/7

"TRABALHO COM  
CRIANÇAS/JOVENS  
DE RUA"

ASSINADO  
PROTOCOLO  
EM COIMBRA  
P. 5

### E D I T O R I A L

#### ACTIVIDADE LÚDICA

## NO LIMIAR DE MAIS UM ANO DE FORMAÇÃO

As acções de formação e as oficinas que a Actividade Lúdica realiza ao longo de cada ano lectivo têm sido uma das formas encontradas para operacionalizar alguns dos seus objectivos. Entre eles, merecem atenção especial os que visam a promoção das abordagens globalizantes dos problemas relacionados com o desenvolvimento das crianças e os que promovem o reconhecimento do papel sociocultural que a actividade lúdica desempenha na vida de cada indivíduo.

Com o seu plano de formação anual, a Actividade Lúdica (AL) proporciona uma formação específica aos técnicos, aos responsáveis, aos estudantes envolvidos nas diferentes áreas de intervenção com crianças, fornecendo, deste modo, respostas concretas às necessidades sentidas, ao nível da formação inicial e contínua, sobre aspectos teórico-práticos do lúdico e da ludicidade.

Na verdade, ao longo dos últimos cinco anos de tra-

balho, numa das suas vertentes mais activas — o apoio técnico a projectos de espaços lúdicos, centros lúdicos e ludotecas —, a AL pôde constatar a inexistência de uma formação de base nesta área, formação essa que se esperaria estivesse contemplada nos currículos das várias instituições de ensino médio e superior ligadas à formação inicial e contínua dos técnicos que trabalham no âmbito da informação, da educação, da saúde, da comunicação e da vida cultural.

Este plano de formação anual assume-se como uma resposta imediata e estruturada a essa lacuna e pode ser caracterizado enquanto: pioneiro, tendo em conta a área de trabalho que envolve e o seu nível de aprofundamento; inovador, tendo em conta os conteúdos que desenvolve; de incidência nacional, tendo em conta o universo alargado de profissionais que participam nas acções.

CONT. P. 12

# A TELEVISÃO E A VIOLÊNCIA INFANTIL O LADO MAU DO ENTRETENIMENTO

CLARA CASTILHO

**T**EM-SE falado muito, ultimamente, na televisão e nas suas possíveis relações com a violência infantil. Têm acontecido casos de crianças que exercem violência sobre outras e que, nas suas declarações posteriores, relacionam os seus actos com programas televisivos de que tinham sido espectadoras — Tartarugas Ninja, vídeos violentos que os pais tinham em casa, etc. Tem-se falado muito sobre o facto de as crianças verem televisão sozinhas, sem qualquer supervisão por parte de adultos.

Há cerca de 60 anos, culpava-se a banda desenhada pelo aumento de violência, agora culpa-se a televisão. Antes, diz-se, havia mais comunicação entre as pessoas, as crianças ouviam histórias, brincavam com outras coisas. Hoje, fica-se, parado em frente do ecrã do televisor, por vezes vários membros da família, sem se comentar o que se vê. O acto de ver é um acto solitário, mesmo que se esteja rodeado de pessoas. Não se fala, não se discute, não se entra em conflito.

É uma tentação fácil acusar a televisão dos vários males que vão surgindo na nossa sociedade. É uma forma fácil de os adultos se desculpabilizarem. No entanto, a violência é um problema antigo e universal. As crianças sempre brincaram às guerras, todas as gerações foram educadas com violência. A base explicativa para os comportamentos violentos deve ser

procurada na esfera social, nos espaços familiares, educativos e afectivos. É aí que está a verdadeira violência. Na televisão, ou vemos o espectáculo ou a realidade nas notícias.

## EFEITOS DA SOLIDÃO

Um estudo feito na Grande Lisboa demonstrou que os pais só têm cerca de meia hora por dia para os filhos. Para compensarem esta situação compram brinquedos caros, fazendo para isso sacrifícios. As próprias crianças revelaram que sofrem de solidão, socializando-se sozinhas, sem apetência pelo desenvolvimento de capacidades relacionais. Os sociólogos pensam que uma das razões para os pais preferirem saber os filhos em casa, mesmo que sozinhos, é o medo da rua.

Assim, estando as crianças impossibilitadas de se apropriarem de espaços de jogo na cidade e de se reunirem com grupos de iguais, recorrem ao entretenimento dos media.

Somos uma geração que acorda, e muitas vezes adormece no embalo das imagens televisivas. Esta nova geração é capaz de se ocupar com múltiplas coisas, ao mesmo tempo. Já os nossos pais se espantavam que estudássemos a ouvir música. Os media proporcionam às crianças um mundo de imagens em que elas vêem realizados os seus desejos, através de interpostos personagens. O herói infantil é valente, generoso, voluntarioso e com iniciativa. Mas cada vez se evoca menos a sua inteligência.

O sucesso da televisão explica-se, primeiro que tudo, pela natureza atractiva do seu suporte. A imagem que os olhos captam exerce um fascínio muito mais imediato que a palavra que se lê ou ouve. O telespectador está num estado de receptividade particular,

em que a sua reflexão não é obrigatoriamente solicitada. Ver, em vez de imaginar, produz uma sensação muito mais imediata. Ligar a televisão, em vez de abrir um livro, cria crianças muito mais passivas. Consumir, em vez de aprender, torna-se, talvez, a palavra de ordem.

No entanto, a televisão não pode substituir a relação directa com as coisas. As crianças precisam de mexer, apalpar, encaixar, brincar. Nem pode substituir o convívio com os pais, os irmãos, os amigos, etc. A televisão pode até perturbar o desenvolvimento do imaginário das crianças. Quando elas brincam, fazem recurso as suas próprias representações mentais. Mas, quando os seus jogos reproduzem as cenas televisivas, já está a interpretar os pensamentos dos outros.

Uma questão que se põe é a de saber se as crianças distinguem a fantasia da realidade. Antes dos 5 anos as crianças não são capazes de o fazer, tomam como modelo o herói televisivo, e tendem a copiá-lo, pensando que a morte não é uma coisa definitiva. Podem achar que o que se passa nos telejornais é a fingir.

## TELEVISÃO E AGRESSIVIDADE

A televisão torna ou não as crianças mais agressivas? Há várias teorias sobre este assunto. Na impossibilidade de as sintetizar todas, referiremos algumas conclusões que nos parecem mais correctas, e remetemos para uma possível consulta, no Centro de Documentação, das obras aí existentes.

O facto de a televisão não ter sido introduzida em todos os países ao mesmo tempo, fez com que pudessem ser estudadas as suas repercussões quando tal facto ocorreu em certas localidades. Foi possível constatar que houve um aumento de homicídios. No entanto, a existência de uma correlação não



**BOLETIM DO IAC**  
Nº 37  
MAIO/JUNHO  
JULHO/AGOSTO  
1995

director  
Matilde Rosa Araújo  
coordenação  
Grupo Técnico do IAC  
António Torrado  
Clara Castilho  
Leonor Santos

edição  
Instituto de Apoio à Criança  
Largo da Memória, 14  
1300 Lisboa

concepção gráfica  
e produção  
Joana Imaginário  
totolitos  
Roseta, Lda.  
impressão  
Tipografia Lugo  
depósito legal  
Nº 74 186/94  
tiragem  
3000 ex.



dem tornar-se mais violentas, sobretudo em famílias em que a violência é já empregue. Podem ficar indiferentes perante os actos violentos, podem sentir medo. Como riscos físicos do consumo excessivo de televisão, podem surgir perturbações do sono, visuais, de postura. A seguir a verem televisão, podem ficar inquietas e agitadas, porque estiveram muito tempo quietas. Mas isso também acontece nos intervalos da escola.

#### A ATITUDE DOS ADULTOS

implica uma causalidade. Há que ter em conta outros factores, tais como a pobreza, o alcoolismo, a toxicod dependência, o stress, etc.

Estudos longitudinais que acompanharam crianças, a partir dos 8 anos (iniciados há 36 anos), concluíram que aquelas que viram mais violência televisiva estão envolvidas em crimes mais graves, tornaram-se em adultos mais agressivos quando alcoolizados e usando de violência para castigar os filhos.

A televisão também é vista como mostrando a realidade de uma sociedade violenta. As pessoas preocupam-se mais com a violência nos programas do que com a das notícias da actualidade. As mulheres são quem reclama mais contra este facto. As pessoas mais jovens são as que protestam menos, sendo também menos críticas quanto a qualidade dos programas. Pensa-se que a violência nos noticiários não causa tantos distúrbios como a violência que se vê nos filmes, em que o herói a pratica em nome do "bem", uma violência que parece justificar-se e

não produzir qualquer dor ou outras consequências.

As crianças são tanto mais vulneráveis àquilo que vêem, quanto mais jovens, incultas, isoladas e desprevenidas estiverem. As consequências não são as mesmas em todas as crianças. Há que ter em conta: a estrutura da família e o ambiente familiar, as práticas educativas prevalentes, os padrões de comportamento no interior da família, a sua auto-estima, o grau de frustração e a situação socioeconómica. Se uma criança estiver bem na sua pele, tiver amigos, não tiver problemas na escola, o consumo de televisão e de jogos de vídeo não a levará a cortar com o mundo. Mas, pelo contrário, se for uma criança solitária, se passar horas diante do ecrã, então é preciso ter atenção.

Um indivíduo com um desenvolvimento psico-afectivo adequado tem dentro de si um esquema orientador que lhe dá a noção de bem e de mal, do lícito e do ilícito, independentemente do que observa.

Como efeitos imediatos da violência televisiva, as crianças po-

A criança pode imitar o que vê, adoptar as opiniões, identificando-se com as personagens (atitude voluntária). Pode assimilar o modelo de modo inconsciente. Pode ficar desinibida, na medida em que as imagens a podem levar ao acto. Pode deixar de se emocionar com os actos agressivos e passar a considerá-los normais.

No entanto, a televisão também ensina, também desenvolve a cultura, também dá uma panorâmica geral do que se está a passar no mundo, também diverte. Fornece informação e contribui para a transmissão social dos sistemas e representação de valores.

Perante esta situação, que podem fazer aqueles que se preocupam com o grau de violência que as crianças absorvem quotidianamente? Podem assistir com elas aos programas, discutir com elas, explicar, encorajar a que vejam outros programas, reclamar para os canais televisivos e para os patrocinadores. Podem impor às crianças os limites que se considerarem correctos, sem impedir o seu visionamento.

# ➤ A TELEVISÃO E A VIOLÊNCIA INFANTIL

O efeito de um filme de terror pode exorcizar-se com uma conversa com os pais, pois verbalizar o que se vai sentindo é meio caminho andado.

Tem-se advogado o sistema de advertência, mas teme-se que as estações emissores se possam servir desse pretexto para apresentar programas ainda mais violentos, só porque se avisam os pais. Há quem defenda a colocação de "clips", "V Block", para bloquear o acesso a certos filmes. Poderia ser útil se tivéssemos sempre a informação actualizada, não houvesse alterações na programação e as crianças não corressem para casa do vizinho que não possui tal "censura".

No trabalho directo com as crianças, podem ser elaborados programas para despertar o seu espírito crítico, a sua compreensão face à quantidade de informação que os meios de comunicação social difundem, ensiná-las como fazer uma filtragem de informação útil.

As crianças que fazem a sua própria escolha dos programas televisivos são as que recebem ajuda da parte dos pais para compreenderem que certas coisas não são boas para elas.

A partir do momento em que se ensinam os indivíduos a analisar os documentos, qualquer que seja o seu suporte, ou se incita a estarem vigilantes e a colocarem questões relativas à retórica da imagem e às técnicas em jogo, os telespectadores têm todas as hipóteses de controlarem o processo televisivo, de fazerem as suas escolhas, minimizando as possíveis consequências nefastas. Há necessidade de criar uma "cultura televisiva", através de uma "educação para os media".

Em inquérito levado a cabo pela



Alta Autoridade para a Comunicação Social, os portugueses mostraram-se preocupados com a concorrência televisiva que poderá levar a um aumento da violência nos ecrãs. Mas também receiam que mecanismos reguladores possam amordaçar a comunicação social e diminuir a informação e a capacidade de intervir dos cidadãos. Consideram que se a violência aumenta para conquistar audiências, é porque as pessoas demonstram gostar e, então, a culpa é de todos.

## BIBLIOGRAFIA

ALTA AUTORIDADE PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL — Estudo de opinião sobre a violência nos meios de comunicação social, Lisboa, AACs, 1993.  
BOURDIAL, I. — "Violence à la télévision: l'impact sur les enfants", *Science & vie*, Paris, 1994, n.º 917, pp. 34-42.  
BRUNO, P. — *Les jeux video*, Paris, Syros, 1993.  
CENTERWALL, B. — "Television and violence: the scale of the problem and whe-

re to go from here", *Journal of the American Medical Association*, 1992, vol. 27, n.º 22 (Junho), pp. 3059-3063.  
CONFERÊNCIA "A CRIANÇA E A COMUNICAÇÃO SOCIAL: ITÍMITOS PSICOSSOCIAIS", Lisboa, 1993.  
DE LAUWE, M. C. — "El niño icónico; el niño personaje de los media frente al niño real", *Infancia y aprendizaje*, Madrid, 1982, n.º 17, pp. 105-114.  
A EDUCAÇÃO E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Actas, Lisboa, Conselho Nacional de Educação.  
FERREIRA, R. — "A criança e a televisão". Comunicação nas II Jornadas do Serviço de Pediatria, Lisboa, 1994.  
LE DIBERDER, A. — *Qui a peur des jeux video?*, Paris, La Découverte, 1993.  
LURÇAT, L. — *Le jeune enfant devant les apparences télévisuelles*, Paris, Desclé de Brouwer, 1994.  
SADURNI, M. — "Infant i societat: l'empremta de la violencia televisiva en la ment dels infants", *Infancia educar de 0 a 6 anys*, Barcelona, 1995, vol. 82, pp. 29-35.  
SEMINÁRIO "OS DIREITOS DA PESSOA E A COMUNICAÇÃO SOCIAL", Lisboa, 1995.  
STRASBURGER, V., SINGER, D. — "Children, adolescents and television, 1989", *Pediatrics*, 1989, vol. 83, n.º 3 (Março de 1989), pp. 445-448.  
TIERNO, B. — *O teu filho: problemas e conflitos*, Terramar, Lisboa, 1993.

## PARA DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO "TRABALHO COM CRIANÇAS/JOVENS DE RUA" PROTOCOLO ASSINADO EM COIMBRA ENTRE CINCO ENTIDADES

**T**ENDO em vista o desenvolvimento do projecto "Trabalho com Crianças/Jovens na Rua", foi estabelecido, entre o Governo Civil de Coimbra, o Instituto de Reinserção Social (IRS), o Instituto Superior de Serviço Social de Coimbra (ISSSC), o Instituto de Apoio à Criança (IAC) e a Associação Integrar, um protocolo de cooperação em vários domínios de actividade e com o intuito de maximizar o aproveitamento dos recursos próprios de cada instituição outorgante.

Na generalidade, compete aos serviços/instituições outorgantes: designar a equipa técnica de acompanhamento do projecto; responsabilizar-se pela elaboração da programação em geral, através de projectos anuais e pela definição do enquadramento teórico e metodológico da intervenção; colaborar em outros domínios considerados necessários no decorrer do projecto; proceder à avaliação anual do projecto.

A cada outorgante, em particular, compete ainda: ao Governo Civil, atribuir ao projecto um subsídio para o ano de 1995; ao IAC, garantir o acesso a material de apoio para o desenvolvimento e organização do projecto, nomeadamente, bibliografia e material para animação de rua.

À Associação Integrar compete garantir o enquadramento técnico e o apoio institucional — procedendo de igual modo relativamente aos alunos estagiários do ISSSC, quando se verificar a sua participação —, responsabilizar-se pelos contactos necessários à definição do local que servirá para sede do projecto e para o desenvolvimento do trabalho no terreno dele decorrente e, ainda, apresentar ou formalizar as candidaturas aos programas nacionais e/ou comunitários que

possam apoiar o projecto. O acesso a material de apoio (bibliografia, monografias e estudos de comunidades-alvo de intervenção) e o apoio técnico-metodológico serão garantidos pelo IRS, enquanto ao ISSSC caberá participar, através de estágios ou formação, na realização de trabalhos ou tarefas a programar, considerados os parâmetros regulamentares do Instituto, e garantir o suporte técnico para a avaliação anual do projecto.

O protocolo, assinado em 26 de Abril passado, deixa em aberto a possibilidade de, em função de acções a desenvolver, adesão de outras instituições, públicas ou privadas.

### EXPOSIÇÃO/VENDA DE OBRAS DE ARTE

Na sequência das actividades que o IAC tem vindo a realizar em Coimbra através do seu núcleo criado em 1991 — à semelhança da iniciativa de há dois anos no Centro Cultural de Belém, que decorreu com o maior êxito, pois, para além de um importante acto cultural foi um verdadeiro exemplo de maior solidariedade para com as crianças, decorreu, de 23 de Junho a 4 de Julho, mais uma exposição/venda de obras de arte, desta vez em Coimbra.

O espaço onde decorreu a exposição foi o edifício da Telecom, sito na Rua General Humberto Delgado, 319 frente à Escola Avelar Brotero, em Coimbra.

## SEMANA DO AMBIENTE NA LITERATURA INFANTIL



**A** Liberpolis (Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Leitura Pública da Área Metropolitana de Lisboa) e a Secção Portuguesa do Ibby, ambas organizações vocacionadas para a promoção do livro e da leitura, associaram-se às comemorações do Dia Mundial do Ambiente (5 de Junho), realizando um conjunto de acções que visam a sensibilização para a problemática do ambiente, através da divulgação de obras de literatura portuguesa escritas para o público infantil.

A iniciativa consta de encontros de crianças do 1º ciclo do ensino básico com autores premiados no concurso "O ambiente na literatura infantil" (Fernando Bento Gomes, José Jorge Letria, Manuela Alves, Maria Alberta Menéres e Natércia Rocha), que tiveram lugar entre 5 e 9 de Junho, nas bibliotecas da Amadora, Barreiro, Lisboa, Moita, Montijo, Oeiras, Seixal e Setúbal.

A apresentação pública da iniciativa "Ler Ambiente — Semana do Ambiente na Literatura Infantil" foi feita no Dia Mundial da Criança (1 de Junho), na Feira do Livro de Lisboa.

# EVOCAÇÃO DE RICARDO ALBERTY ERA UMA VEZ...

MATILDE ROSA ARAÚJO

**L**EMBRAR Ricardo Alberty é lembrar uma personagem rara de escritor e homem de teatro que passou quase despercebido na arena da vida. Personagem tímida e altiva de si próprio, senhor de sonhos pouco comuns que olhava o mundo com ironia e desencanto, foi um escritor de encantamento e graça para a criança, numa escrita que nunca confundiu o escrever para a criança como uma escrita de mentira infantilizante.

Tive a sorte de ser sua colega na velha Faculdade de Letras e recordo-o com ternura e admiração e gratidão pela alegria que a sua presença provocava: alegria de um homem que se presentia doridamente triste mas que do seu estar fazia um palco em que ele era o actor que improvisava sempre papel Inteligente, atento, divertido. Na própria sala de aula, não deixava de ser "a personagem": a sua voz, mornamente pastosa e bem colocada, fazia-se ouvir em intervenções breves de comédia amável — com bonomia ou acidez mas sempre com inteligência educada. E, depois, ficava olhando o vago com verde daqueles olhos ora maliciosos ora tristes como se de si próprio fosse o ausente espectador. Que saudades daquele tempo em que cada um de nós se abria para a vida e teve à sua beira tantos tesouros cujo nome ignorávamos!

Sua irmã Amarilis, eng<sup>a</sup> Amarilis Alberty de Varennes e Mendonça, sabendo do meu desejo de lembrar a sua memória, enviou-me uma carta que transcrevo como o melhor documento acerca de seu irmão:

... Apesar do seu ar altivo e dos seus modos soberbos, quem bem o conheceu sabe quão modesto era. Não nos contava os seus sucessos, a maioria das vezes, era por notícia nos jornais que deles tínhamos conhecimento. Muito pouco sabe-

mos, além do que é do domínio público, da sua vida artística e literária.

Junto mando-lhe fotocópias de tudo o que conseguimos coligir.

Nossos pais foram dois ilustres professores primários, conhecedores a fundo da psicologia infantil e grandes pedagogos.

O Ricardo foi o terceiro filho e único varão, de uma série de seis. Desde criança manifestou pendor para as artes e encontrou no seio da família ambiência favorável ao seu desenvolvimento.

A história "O Menino Blé", indicada num dos documentos, foi feita quando Ricardo teria 8 ou 9 anos e é uma banda desenhada. Guardou-a religiosamente e fomos encontrá-la no seu espólio. Não estou certa se esta foi a sua "estreia" ou um outro trabalho, que também encontramos, e a que chamou "O Homem Vegetal".

Mais crescido, mas ainda garoto, fez outras bandas desenhadas curiosíssimas. Não as encontramos ainda, desconhecendo se as destruiu.

Bem pequeno, montava pequenas peças teatrais ou revistas, em nossa casa, geralmente durante qualquer festejo. Ele era tudo: autor, realizador, encenador, ensaiador. Os actores eram as irmãs, primos e primas.

Com 14 anos, e estando nós a passar o Verão em Castelo de Vide, montou uma revista em três actos a que não faltou a apoteose da homenagem à vila. Ainda não há muitos anos estava na memória dos mais velhos da terra. Uma pobre mulher, já naquela altura velhíssima, dizia, com lágrimas nos olhos, que desde os festejos de D. Pedro V a Castelo de Vide nunca tinha visto coisa mais linda.

Estes episódios, entre muitos que lhe poderia contar, não servindo para constar no que quer escrever sobre o Ricardo, dão-lhe certamente a ideia de como se enfor-

mou o Ricardo adulto que conheceu.

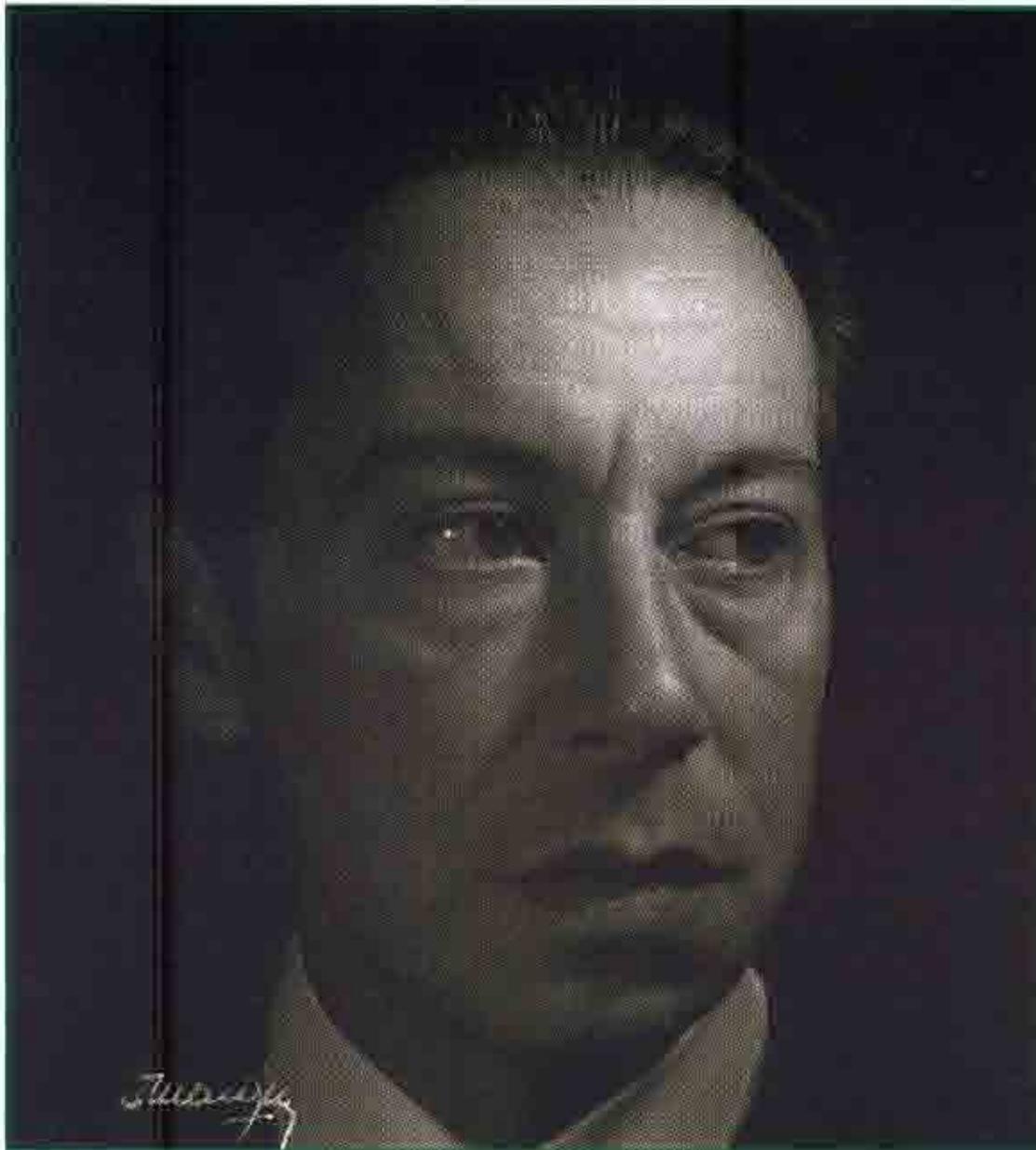
De facto, todas as suas iniciativas artísticas tinham o apoio incondicional dos mais velhos e dos mais novos. Os nossos pais faziam críticas inteligentes aos seus escritos, sugerindo, aconselhando; a minha mãe tinha uma tarefa suplementar, porque possuía a sublime arte de confeccionar um luxuoso guarda-roupa com lençóis, colchas, papel de seda ou frisado. Um espectáculo.

A "história" desta infância vale, na verdade, a pena ser contada como com tanto amor a contou a sua irmã. Nela vi aquele Alberty com a sua personagem, menino que foi amado e que viveu uma infância de criança privilegiada pela inteligência e pelo espírito criador, e que, talvez, no afirmar da juventude sentiu a insegurança do grande palco a que todo o adulto se oferece.

As suas múltiplas capacidades procuraram a formação que as contemplasse. São da sua autoria estes dados biográficos (escritos em 1985):

Ricardo Costa Rosa y Alberty (Ricardo Alberty) nasceu no dia 22 de Agosto de 1919, em Belém (Lisboa). Tirou o curso de Filologia Românica da Faculdade de Letras de Lisboa, o curso de Desenho e Pintura da Sociedade Nacional de Belas Artes e o curso de Arte de Representar do Conservatório Nacional de Lisboa, além de cursos de línguas estrangeiras, como Instituto Francês, Espanhol e Britânico. Foi funcionário público, correspondente comercial, jornalista e actor de teatro, cinema e televisão, e publicitário.

Há mais de trinta anos que se dedica quase exclusivamente à actividade de escritor de teatro e ficção, principalmente para crianças, tendo sido várias vezes premiado. O seu último prémio foi o Grande Prémio Calouste Gulbenki-



an, pelo conjunto da sua obra (1980).

A “personagem” trinta anos ficou só, longe de um trabalho regular, para se dedicar a uma escrita solitária e terna que daria claras alegrias às crianças.

#### SOZINHO EM CASA

O actor de teatro estava agora em cena sozinho. A sua primeira peça teatral foi, ao mesmo tempo, o seu primeiro trabalho literário, “Era Outra Vez...” réplica para adultos da história da “Gata Borralheira”, foi estreada no Teatro Estúdio do Salitre em 1950. Era outra vez... assim foi a vida da Ricardo, história de encantamento que não é a história de um príncipe feliz.

Quando ainda era aluno da Faculdade de Letras, em 1947, estreou-se como actor no grupo Estrado (dirigido por Manuela Porto, Tomás Ribas e Costa Ferreira) interpretando o papel de Pierrot da peça “As Três Máscaras”, de José Régio. Em 1949, Alberty fez exame no Conservatório Nacional de Lisboa com a peça de Pirandello “O Homem de Flor na Boca”.

Podemos fundir estas personagens, Pierrot, o homem da flor na boca... é ter Ricardo Alberty, quase premonitoriamente, a ser actor solitário que se procura e vai contar “Era Outra Vez...”.

É que lindas histórias Ricardo contou! Desde “A Galinha Verde” (Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho), “Os Quatro Corações de Coração”, “Este Livro Tão Bonito”,

“Brincos de Cerejas”, “O Príncipe de Ouro”, “O País dos Sorrisos”, até “A Cozinha Barulhenta”, “Bonecos de Papel de Cor”... Tantos, tantos livros de inocência profunda e reflectida em poética sensibilidade.

Há algum tempo, talvez dois anos, subi à casa de Alberty para tratar de qualquer assunto de livros para crianças. Era a primeira vez que o visitava, apesar da nossa longa amizade. Não sei se por ver sempre em Ricardo a “personagem” que me marcara desde os tempos da faculdade, vi-o mais do que nunca personagem — já outra —, com o rosto a dizer muitas dores que não falavam mas tanto diziam, o sorriso de amizade e amargura, e tive a ideia de que muitos pássaros o rodeavam.

Não sei a quem confiei esta imagem. Ele encontrou-me, mais tarde, e “ralhou-me” mansamente — “Foste dizer que me viste no meio de muitos pássaros, onde viste os pássaros?” — E ria em gargalhada divertida e rouca.

Eu olhei-o confundida. Eu não tinha visto, não? Acrescentara aquelas asas à personagem de tantos sonhos?

Duvidei de mim. Imaginara involuntariamente a encenação? Uma solidão assim povoada? Ainda hoje duvido: qual de nós “mentia”? Ele não, com certeza. E ele ria, ria. Seus olhos mais verdes:

— “Que eu tenho pássaros em minha casa?” — E agitava aquelas mãos ricas de expressão como asas livres. — “E em gaiolas?”.

Ríamos os dois. Nenhum de nós “mentia”.

Não nos tornámos a encontrar...

[Texto publicado no “Jornal de Letras”, pouco tempo depois de morte de Ricardo Alberty, que ocorreu em 28 de Abril de 1992.]

# DAR AS MÃOS NA PREVENÇÃO

*"A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota"*

JEAN-PAUL SARTRE

O projecto está na fase do diagnóstico da situação, para que a intervenção possa ser planificada com base no conhecimento concreto da sua realidade e não com base em pressupostos.

O diagnóstico da situação, já realizado, não permite de forma alguma cruzar os braços. Os níveis de violência reportados pelas crianças vítimas e agressoras merecem a nossa atenção. A cooperação entre as escolas participantes do 1º e 2º ciclos do Ensino Básico do concelho de Braga e de Guimarães e a Universidade do Minho-Cefope, permite fazer o diagnóstico da situação e partir deste para a intervenção correctamente planificada, com base na realidade concreta de cada escola, de forma a dar resposta ao seu problema.

O entrelaçar do conhecimento teórico e empírico, na procura de soluções para os problemas reais da escola, constituiu a solução que propomos para o problema.

## O QUE É O BULLYING?

Adoptamos este termo por não lhe encontrarmos uma tradução adequada. O termo português a agressividade reporta-nos a comportamentos de agressividade natural, que fazem parte do desenvolvimento. O termo violência parece demasiado genérico para identificar este problema concreto.

Assim, por bullying, entendemos as práticas agressivas entre os estudantes, sem as querermos confundir com os comportamentos que são a expressão da agressividade natural.

"O bullying pode ser descrito como o sistemático abuso do poder" (Smith e Sharp, 1994). "Bullying é uma forma do comporta-

mento agressivo que é usualmente maldosa, deliberada e com frequência persistente: algumas vezes dura semanas, meses ou anos e é difícil para as vítimas defenderem-se a si próprias" (Sharp e Smith, 1994)<sup>2</sup>. Haverá sempre relações de força nos grupos sociais, mas pode haver abuso deste poder. A noção exacta de abuso depende do contexto social e cultural, mas está presente no comportamento humano. Quando o abuso é sistemático, repetido e deliberado, estamos perante situações de bullying.

As práticas agressivas identificam-se pela intencionalidade de magoar alguém, que é vítima e alvo do acto agressivo. Os agressores têm tendência a desencadear, agravar e a perpetuar situações em que as vítimas estejam numa posição indefesa (Pereira, Almeida & Valente)<sup>3</sup>.

## RESPOSTAS DA CRIANÇA, DO PROFESSOR/A E DA ESCOLA

Resposta da criança quando é agredida — A criança deve ser assertiva, nem agressiva nem passiva, deve pedir ajuda, procurar apoio, sair da situação e comunicar a um adulto em quem confie.

Resposta do professor/a — O professor/a nunca deve ignorar as práticas de agressão. Deve ser assertivo/a e não agressivo/a na procura dos culpados. Deve saber ouvir o aluno e dar-lhe tempo para falar. Deve fazer um registo escrito dos incidentes. Deve envolver os pais, desde o princípio, numa cooperação que vise encontrar soluções e não criar-lhes o sentimento de culpa e de incapacidade face à escola e face a ser capaz de intervir melhorando a educação do filho.

Resposta da escola — A escola deve organizar-se para prevenir e reduzir o mal-estar que as práticas agressivas causam a muitas crianças na escola. Em países como a

Inglaterra e a Noruega, onde a intervenção foi levada a cabo, foi possível observar uma redução significativa destes comportamentos agressivos na escola.

A fase de sensibilização para o problema é fundamental para o envolvimento do maior número de docentes, estudantes, funcionários e pais. Uma equipa deve dinamizar o processo e defini-lo no projecto educativo da escola. A sua implementação situa-se na área escola, nalgumas disciplinas curriculares e em clubes para diversificar a oferta de tempos livres para que esta vá de encontro às necessidades das várias idades, sexos e interesses dos estudantes, de forma a que estes sintam que a escola é um espaço seu.

Todos os intervenientes no processo educativo da escola devem definir as normas que visem a interacção social e definir os comportamentos passíveis de serem penalizados, referindo as sanções na ausência do cumprimento da regra. "As regras e sanções... possuem um carácter integrador do indivíduo na ordem e na plenitude das suas funções e estas um carácter intimidador dos possíveis infractores" (João Amado<sup>4</sup>). Este regulamento não deve ser rígido e, no cumprimento da regra, o seu espírito deve estar presente. A validade destas normas deve ser idêntica quer a criança se encontre na sala de aula, no recreio ou nos corredores.

## MELHORAMENTOS NO RECREIO

Os locais de maior ocorrência de práticas agressivas são os recreios escolares, espaço frequentemente pouco valorizado no conjunto dos espaços escolares, pois a escola situa o conjunto das suas preocupações sobretudo na instrução.

Os recreios, espaços onde ocorrem com mais frequência as situações de bullying, necessitam de uma atenção especial. Os recreios escolares necessitam de ser

ampliados. Nunca, sob qualquer pretexto, devem ser reduzidos como por exemplo pela colocação de pavilhões para salas de aula ou para passar uma estrada.

É urgente pensar em melhorar os recreios, diversificando-os. Criar espaços de jogo, de desporto para todos, caixas de areia, de equipamentos de trepar, suspender, escalar, saltar e equilibrar. Criar espaços verdes e hortas que visem a preservação da natureza e a experimentação pela observação das plantas, dos insectos, etc. Facultar equipamentos móveis que visem a realização de jogos de cooperação, jogos tradicionais e outros, de acordo com as idades e motivações.

Outra medida que parece ser indispensável é a existência de supervisores nos recreios com formação apropriada, para que se aposte na qualidade desta supervisão.

A problemática da violência na escola está cada vez mais a preocupar os docentes, os pais e os investigadores, o que justifica darmos as mãos na procura de soluções.

#### EQUIPA DO PROJECTO

A equipa do projecto é constituída pela Dra. Ana Tomás de Almeida, Dra. Beatriz Pereira, Prof. Dou-

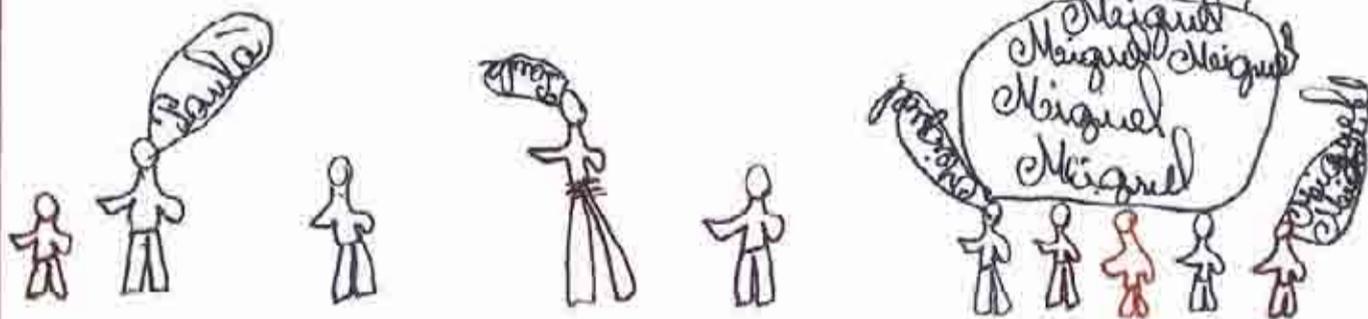
Na hora do recreio.

Quando alguém me bate eu também lhe bato, porque se eu não lhe bater ele anda-me sempre a bater.

Eu não gosto de bater nem gosto que me batam, e principalmente não gosto de bater aos mais novos.

Um dia um menino bateu-me no recreio e eu fiquei muito triste, porque senti que ele não gostava de mim. Depois ele chamou os amigos para me baterem aí eu fiquei ainda mais triste. O meu coração ficou apertado e eu fiquei desiludida...

Maria Carolina Abreu  
Reiuro - 3º ano  
Escola nº 2 de Guimarães



RELATO DE UMA CRIANÇA. RESULTADO DE UM TRABALHO DE GRUPO

tora Lucília Valente (directora do projecto) — Universidade do Minho-Cefope, e Prof.ª Doutora Denisa Mendonça, da Universidade do Porto, ICBAS, e conta com a colaboração do Prof. Doutor Carlos Neto, da Universidade Técnica de Lisboa, FMH, e do Prof. Doutor Peter Smith, da Universidade de Sheffield, UK.

1 — Smith, Peter e Sharp, Sonia (1994).

School Bullying. Insights and perspectives, London a New York, Routledge.

2 — Sharp, Sonia e Smith, Peter (1994). Tackling Bullying in your school. A Factical Handbook for Teachers. London a New York, Routledge.

3 — Pereira, Beatriz; Almeida, Ana Tomás e Valente, Lucília (1994). Bullying — análise preliminar das situações de agressão no Ensino Básico. Actas do VI Encontro Nacional de Ludotecas, Lisboa (no prelo).

4 — João Amado (1993) Boletim do IAC.

## RESULTADOS APURADOS ATÉ FINAIS DE 1994

# APELOS AUMENTAM

**T**EM vindo progressivamente a aumentar o número de apelos que tem chegado ao SOS-Criança, pelo telefone. De Novembro de 1988, altura em que o SOS-Criança, de uma forma inédita e pioneira, deu voz a todas as crianças portuguesas, até finais de 1994, recebeu 15.633 apelos, feitos por crianças e adultos.

Durante o ano de 1994, o serviço recebeu uma média de 255 apelos por mês, sendo o mês de Outubro o que evidenciou um maior número de solicitações. Cerca de 21% dos apelos foram feitos por crianças, com predominância do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 4 e os 18 anos, havendo uma maior incidência na faixa etária dos 14 aos 16 anos, a que correspondem cerca de 38%



dos apelos.

A necessidade de falar com alguém e estar só em casa são a problemática que apresenta maior relevo (30%), seguindo-se as informações sobre sexualidade (14%), sobre o SOS-Criança (11%), conflitos familiares (8,5%), problemas

relacionais (8%), entre muitas outras.

Em 57% dos casos apresentados por menores, o apelo vem da zona da Grande Lisboa, seguindo-se os distritos do Porto, Setúbal e Leiria (não se conhece a proveniência de grande percentagem dos apelos).

A duração das chamadas das crianças variam entre os 10 e os 60 minutos. Em 68% dos casos, duram cerca de 10 minutos, enquanto cerca de 28% se prolongam até 30 minutos.

Relativamente aos apelos que nos são dirigidos por adultos, veri-

ficam-se 34% de problemáticas referentes a maus tratos na família e na escola, a conflitos familiares, a crianças em risco e a problemas escolares. As informações gerais pedidas ao SOS-Criança são também em número significativo (16%), como os casos relacionados com o abuso sexual, abandono e outros fazem parte integrante das situações que para o SOS-Criança são dirigidas.

É também no distrito de Lisboa que se verifica a predominância dos apelos por parte dos adultos (55%), seguindo-se Setúbal e Porto.

Em 32% dos casos foi a comunidade que se interessou por participar as situações de que tinha conhecimento. São as mães que em 27% das vezes formulam questões ou apresentam situações.

Das chamadas dos adultos, 58% duram até 10 minutos e 35% duram entre 10 e 30 minutos.

MANUEL COUTINHO  
COORDENADOR DO SOS-CRIANÇA

## PELOS DIREITOS DA CRIANÇA

# COOPERAÇÃO ENTRE IAC E ISPA

**O**IAC e o Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), com interesses mútuos no âmbito da problemática da criança e enquanto instituições de intervenção, estudo e investigação, acordaram no estabelecimento de um protocolo de cooperação, fundamentado na efectivação dos Direitos da Criança expressos na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.

Os objectivos do protocolo são: a articulação em acções de sensibilização e formação ao nível da pro-

blemática da criança, a realização de estágios e acções no âmbito do projecto global do IAC contribuindo para o desenvolvimento integral da criança; a promoção de acções inovadoras na promoção e defesa dos Direitos da Criança.

O protocolo, assinado em 12 de Abril passado, prevê ainda as obrigações do IAC e do ISPA, além da duração e das disposições de ordem geral.

## CAMPANHA DE SENSIBILIZAÇÃO

**D**ECORRE desde Maio uma campanha de sensibilização para apoio aos vários projectos do IAC. À campanha aderiu de imediato a BMZ PARK, que imprimiu um folheto informativo, que se transcreve:

MAS HÁ CRIANÇAS COMO A SUA FILHA QUE NÃO TÊM O QUE VESTIR, O QUE COMER, ONDE DORMIR E MUITO MENOS QUEM LHE DÊ CARINHO.

AJUDE O IAC A PODER DAR-LHES UM POUCO DO MUITO A QUE ELAS TÊM DIREITO. CONTRIBUA COM O SEU DONATIVO PARA A CONTA IAC 129 907 542 NOVA REDE.

A consideração do carácter pioneiro deste trabalho encontra a sua justificação em duas razões principais: por um lado, o estatuto e a natureza dos objectivos do IAC, que favorecem a concretização de planos de formação interdisciplinar onde se prevêem as abordagens globalizantes; por outro, a concepção que a AL tem do lúdico e da ludicidade, onde o sentido atribuído a brincar e jogar é amplo e abrange domínios pouco explorados.

Nesta dimensão do lúdico e da ludicidade está contemplado o carácter inovador deste tipo de formação, com acções e oficinas que relevam do domínio do livro e da leitura, da história-jogo e da palavra-jogo e que facilitam a vivência de situações lúdicas e estéticas com objectos, palavras e imagens. O contacto lúdico com as histórias, as palavras, as imagens, os objectos, permite o despertar de um novo olhar sobre o livro e sobre a linguagem. A inclusão desta temática na formação surge como uma forma de actualizar os conceitos de brincar e de jogar enquanto processos que se constroem e se recriam.

Centenas de profissionais em todo o país, que trabalham em áreas muito diversificadas — muitos deles estão envolvidos em projectos de espaços lúdicos, centros lúdicos ou ludotecas, outros encontram o sentido da sua participação apenas no facto de estarem envolvidos em áreas de intervenção com crianças — têm partilhado desta atitude lúdica e de uma filosofia de acção que tem como princípio orientador a defesa do direito de brincar e jogar, nas suas dimensões mais amplas e abrangentes.

Com o terminar de mais um ano lectivo e o fechar de mais um ciclo de formação, é possível afirmar com segu-

## ACTIVIDADE LÚDICA CONCLUI PLANO DE FORMAÇÃO



COM o terminar de mais um ano lectivo, a Actividade Lúdica conclui o seu plano de formação de 1994/5. Em Maio teve lugar a última acção, *Oficina da Palavra/Oficina de Histórias*, com a orientação do escritor António Torrado; em Junho, a oficina *Construção de Jogos e Brinquedos — o recurso aos desperdícios*, com a orientação de Cidália Afonso, Técnica de Design, Leonor Santos e Filomena Viegas, membros da Actividade Lúdica, fechou o ciclo da formação.

Dado o elevado número de profissionais interessados pelo carácter inovador destas temáticas, quer a acção, quer a oficina registaram duas realizações: em Maio, nos dias 15/16 e 17/18, em Junho, no dia 8 e no dia 9.

As instalações do Serviço de Educação da Fundação C. Gulbenkian foram o local de realização de todas as acções que constavam do plano de formação da Actividade Lúdica, para o presente ano lectivo. Sem este valioso apoio, não teria sido possível dar concretização a muitos dos objectivos deste sector do IAC.

rança, tendo em conta a avaliação positiva feita pelos participantes, que a formação deve continuar enquanto área regular de trabalho da Actividade Lúdica do IAC. Estamos, assim, no limiar de um novo ano de formação.

Pretendemos que este trabalho venha favorecer a existência de condições que permitam a todas as crianças — e não só as que estão em situação de risco ou necessitam de especial protecção — tenham uma infância feliz, que facilite o seu desenvolvimento equilibrado e previna o aparecimento de perturbações de qualquer espécie.

## IAC PRESENTE

Em Antuérpia, onde Manuela Esteves da Silva, do Centro Português para a Criatividade, Inovação e Liderança, participou no 1º Seminário sobre "Curriculum Diferenciado", de 23 a 25 de Abril.

No dia 4 de Maio, Maria João Pena e a Ed. Rosário Costa realizaram uma sessão de esclarecimento aos alunos do 5º ano da Escola Francisco de Arruda.

Manuel Coutinho foi entrevistado, a 5 de Maio, pela Lusa sobre estatísticas relativas ao SOS-Criança; no dia 9, pela Associação Portuguesa de Radiodifusão, para divulgar o SOS-Criança em 205 rádio locais, e no dia 10 pela Rádio Nova do Porto, sobre o aumento das chamadas para o SOS-Criança.

Nos dias 11 e 12 de Maio, Manuel Coutinho deslocou-se aos Açores para dar formação aos futuros técnicos do SOS-Açores.

Manuela Eanes proferiu, no dia 15 de Maio, uma conferência na Santa Casa da Misericórdia de Sesimbra sobre a família, a convite do Provedor.

No dia 18 de Maio, Manuel Coutinho foi entrevistado pelo "O Comércio do Porto"; no dia 23, pelo Canal 1 da RTP, sobre a "Prostituição infantil", e no dia 31 pela Rádio Alfa, de Paris, sobre o Dia Mundial da Criança, e pelo "Diário de Notícias".

Pilar Ribeiro, do IAC-Coimbra, proferiu uma conferência no Seminário sobre a Infância e a Adolescência, no dia 19 de Maio, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Coimbra, com o título "A importância do lúdico na promoção do desenvolvimento".

Nos dias 1 e 2 de Junho realizou-se, no Centro Cultural de Belém, o 1º Encontro Nacional dos Serviços Telefónicos, organizado pelo Projecto Vida, em colaboração com o SOS-Criança.

Rádio Clube de Grândola, Rádio Mira Mar e Rádio Valdevez/Alto Minho entrevistaram, no dia 1 de Junho, Maria João Pena. No mesmo dia, Jorge Ferreira foi entrevistado pela Antena 1 sobre o SOS-Criança.

A propósito do Dia Mundial da Criança, Manuela Eanes fez gravações na RDP Internacional, Rádio Nova Antena, Rádio Comercial, Rádio Renascença-Voz de Lisboa e Rádio Íris, de Samora Correia.

Manuel Coutinho participou numa mesa-redonda intitulada "A criança maltratada", integrada nas 3ªs Jornadas de Enfermagem de Douro Sul, realizadas em Lamego nos dias 1 e 2 de Junho.

Maria João Malho, Sandra Borba e Maria João Bento estiveram presentes no colóquio "Pais/Filhos, que relação?", em 3 de Junho, no Cacém.

Em 3 de Junho, Manuel Coutinho participou no programa da TVI "Por detrás do crime" e no dia 19 de Junho foi entrevistado pela Rádio Nova, do Porto.

No IV Encontro Nacional de Intervenção Precoce (12, 13 e 14 de Junho), em que o IAC-Coimbra apresentou o trabalho "Intervenção precoce — um trabalho de todos".

## EDUCAR PARA A PAZ



## ANO INTERNACIONAL DA TOLERÂNCIA 1995



ENCONTRO DE AVALIAÇÃO DA 1ª FASE DO PROJECTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, REALIZADO NO DIA 15 DE JULHO.

## FALECIMENTO

No dia 3 de Julho passado, faleceu o sócio benfeitor do IAC comendador Manuel Nunes Correia. À sua família as nossas condolências.